

A FUNDAÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA NOVECENTISTA: OS ENSAIOS DE PESSOA N'A ÁGUIA

António Apolinário Lourenço

Universidade de Coimbra

Como é sobejamente conhecido, Fernando Pessoa publicou em 1912, na revista *A Águia*, três importantes artigos sobre a «nova» poesia portuguesa, isto é, sobre a prática poética da geração saudosista. O poeta, que se revelava primeiro como ensaísta e tradutor¹, era então completamente desconhecido do público, enquanto a Renascença Portuguesa era vista como a nova geração que emergia nas letras portuguesas. Em substância, no entanto, a revista e a Renascença Portuguesa não constituíam verdadeiramente um significativo avanço relativamente às tendências estéticas que se haviam afirmado na viragem do século. Nela pontificava, literariamente², Teixeira de Pascoaes, cujo saudosismo tinha evidentes ressonâncias do neogarrettismo que dominara a lírica portuguesa no final do século XIX.

Se folhearmos os primeiros números de *A Águia*, encontramos sobretudo textos de criação e ensaios de carácter filosófico, mas faltam

1 Antes da publicação dos seus artigos na *Águia*, Fernando Pessoa iniciara já a sua colaboração como tradutor na *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, um ambicioso projecto editorial, que resultaria na publicação de 24 volumes (*vide* Arnaldo Saraiva, *Fernando Pessoa, poeta e tradutor de poetas*, Porto, Lello Editores, 1996, pp. 5-27).

2 A Renascença Portuguesa tinha igualmente uma dimensão política, republicana, e uma dimensão filosófica, centrada no criacionismo de Leonardo Coimbra.

os artigos de natureza crítica, doutrinária ou ensaística que revelem os fundamentos artísticos da nova geração³. Esse vazio virá a ser preenchido pelos três ensaios pessoais, que ocupam cinco números da revista portuense⁴ e que demonstram finalmente uma compreensão profunda da poesia moderna, não apenas a que se revela nas páginas de *A Águia* e nos livros dos seus colaboradores, como Teixeira de Pascoaes ou Jaime Cortesão, mas daquela que tinha substituído no espaço público europeu as tendências realistas e ultrarromânticas.

Se nos empenharmos em encontrar um antecedente em Portugal dos artigos pessoais da *Águia*, iremos forçosamente tropeçar com *A nova geração*, do arganilense Veiga Simões, publicado em Coimbra, por França Amado, em 1911. No livro de Veiga Simões, também ele colaborador de *A Águia*, dá-se por findo em Portugal o Simbolismo, sublinhando-se que o programa simbolista fora apenas cumprido, sobretudo pelo seu fundador, Eugénio de Castro, na sua «parte externa»⁵. Tal como Pessoa, o autor de *A nova geração* fixa-se principalmente na poesia, depois de registar o marasmo que imperava no teatro e a esterilidade do romance português depois da morte de Eça⁶. E na poesia, as vozes que destaca são as de Teixeira de Pascoaes, António Correio de Oliveira e Afonso Lopes Vieira.

A prosa pessoana nesses artigos, subordinada a um raciocínio quase silogístico, parece denunciar a intensa leitura da filosofia grega

3 Fernando Pessoa revela perfeita consciência dessa lacuna: «Urge que [...] com raciocínios e cingentes análises se penetre na compreensão do actual movimento poético português» (Fernando Pessoa, *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 7).

4 Trata-se dos números 5 (Abril), 6 (Maio), 9 (Setembro), 11 (Novembro) e 12 (Dezembro) da 2.^a série da revista. Enquanto os artigos intitulados «A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada» e «Reincidindo...» ocupam, respectivamente, os números 5 e 6 de *A Águia*, «A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico» estende-se pelos restantes números.

5 Vide Veiga Simões, *A nova geração. Estudo sobre as tendências actuais da literatura portuguesa*, Coimbra, França Amado, 1911, pp. 117-119.

6 Vide *ibidem*, 150.

e alemã a que confessa ter-se dedicado nesses anos, enquanto lia também os simbolistas franceses e os modernos poetas portugueses⁷. É claro que é esse o cadinho cultural sobre o qual se constrói o texto destes ensaios. Não parece, pelo contrário, que a estratégia argumentativa de Pessoa esteja relacionada com a sua formação escolar britânica. Nada há, por exemplo, no seu ensaio sobre «Macaulay», publicado em Dezembro de 1904 em *The Durban High School Magazine*, notável para a idade em que o escreveu, qualquer laço que o aparente com os escritos da *Águia*.

Contudo, o racionalismo pessoano, que resulta da fusão destas leituras, assume uma feição muito peculiar, porque não parece interessar particularmente ao poeta a justeza real daquilo que assevera. Muito mais do que atingir a verdade (que, no fundo, considera inalcançável), aquilo que lhe importa é a justeza semântica e a coerência sintática dos argumentos. A famigerada profetização do supra-Camões, para além de ser uma estratégia de combate e provocação geracional, integra-se já na regra que o autor fixaria alguns anos depois, ao responder ao inquérito «Portugal, Vasto Império», empreendido por Augusto da Costa, no *Jornal do Comércio e das Colónias*, em 1926, onde o poeta defendia que, para mobilizar uma nação, era necessário agitar um mito poderoso e mentir a si mesmo, até acreditar ser verdade a mentira que criara⁸.

7 É isso mesmo que Pessoa recorda em carta enviada, em 1932, a José Osório de Oliveira, que promovera um inquérito a diversos escritores, sobre os livros que mais tinham contribuído para a sua formação: «No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura da *Dégénérescence*, de Nordau» – Fernando Pessoa, *Correspondência (1923-1935)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 279.

8 «O mundo conduz-se por mentiras; quem quiser despertá-lo ou conduzi-lo terá que mentir-lhe delirantemente, e fá-lo-á com tanto mais êxito quanto mais mentir a si mesmo e se compenetrar da verdade da mentira que criou. Temos, felizmente, o mito sebastianista, com

Por outro lado, estando o futuro autor de *Mensagem* a dar ainda os primeiros passos como autor e como crítico, e não existindo, como vimos, notórios precedentes do tipo de crítica que aqui encetava, não é difícil descobrir nestes textos sinais de uma certa evolução interna e de diálogo com outras experiências ensaísticas, nacionais e internacionais. As preocupações «sociológicas» e «psicológicas» espelhadas nos próprios títulos dos artigos, assim como a forma de argumentação, remetem-nos para formas de crítica ainda claramente vinculadas ao século XIX. A crítica *científica* positivista, desde logo, bem como o seu epigonismo e dissidência. A coletânea de textos críticos sobre literatura publicada por Paul Bourget em 1883 intitula-se *Essais de psychologie contemporaine*, e o artigo sobre o autor da *Relíquia* que Moniz Barreto publicou, em 1897, na *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro, tinha por título «O Sr. Eça de Queirós. Estudo de Psicologia». Mas o terceiro artigo da série ultrapassa claramente a postura psicologista indiciada no título, constituindo na realidade um excelente exemplo de ensaio sobre estética, pioneiro da crítica literária modernista em Portugal.

Deve, por conseguinte, sublinhar-se a importância desse derradeiro artigo, não só por aquilo que representa como esforço para compreender a arte moderna, mas igualmente por nele o poeta antecipar as preocupações estéticas fundamentais da sua própria geração, que rapidamente se emancipará da tutela da Renascença Portuguesa. Não menos relevante é a fácil constatação de que, nestes textos iniciais de Fernando Pessoa, já estão presentes quase todas as ideias basilares que o poeta irá desenvolver nos anos subsequentes quanto ao destino glorioso que estaria reservado a Portugal.

raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois mais fácil; não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o incarnar». Reproduzido em Fernando Pessoa, *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*, ed. cit., p. 331.

Um aspeto fundamental do primeiro artigo, «A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada», é a afirmação pessoal de que o público não tem capacidade para compreender a moderna literatura portuguesa. E divide esse público em dois grupos: aqueles que têm mais de trinta anos estão demasiados velhos para serem sensíveis às novas formas estéticas, enquanto falta aos jovens o amadurecimento necessário para a cabal compreensão do alcance da renovação.

Procede, em seguida, a uma análise da evolução social e política de Inglaterra e de França, para concluir que as épocas de maior grandeza literária dessas duas nações tinham sido aquelas em que, de modo mais *patente e dominante*, se afirmara o *espírito nacional*, «eliminando qualquer influência estrangeira que haja»⁹. Comparando essas épocas magnas das literaturas inglesa e francesa com o momento vivido pela literatura portuguesa sua contemporânea, o poeta não evidencia grandes dúvidas: «A analogia é absoluta. Temos, primeiro, a nota principal da completa *nacionalidade e novidade* do movimento. Temos, depois, o caso de se tratar de uma corrente literária contendo poetas de grande valor» .

Em suma, a tese central do texto (que reiterará nos dois seguintes) é a afirmação de que se aproxima um momento fundamental de afirmação da literatura portuguesa no mundo, o momento em que o próprio Camões deixará de ser a primeira referência cultural do país, substituído por um supra-Camões, que não é mais do que a metáfora embrionária do seu conceito de Quinto Império, que está aqui em gestação:

Tenhamos fé. Tornemos essa crença, afinal, lógica, num futuro mais glorioso do que a imaginação o ousa conceber, a nossa alma e o nosso corpo, o quotidiano e o eterno de nós. Dia e noite, em pensamento e

9 Fernando Pessoa, *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*, ed. cit., p. 14.

ação, em sonho e vida, esteja connosco, para que nenhuma das nossas almas falte à sua missão de hoje, de criar o supra-Portugal de amanhã.¹⁰

O segundo artigo, intitulado «Reincidindo...», parece ter origem na própria repercussão que o primeiro artigo teve. Face ao ceticismo da receção, Pessoa volta à carga, aduzindo novos elementos comprovativos da semelhança entre a nova literatura portuguesa e as épocas áureas das letras inglesa (a isabelina) e francesa (a romântica):

Analisados, os períodos literários inglês e francês que vêm acompanhando o nosso estudo, revelam, sob o aspeto exclusivamente literário ora em vista, três elementos distintivos – a *novidade* (ou *originalidade*), a *elevação*, e a *grandeza*. Por *elevação* entendemos do tom literário geral, por *grandeza* o conter grandes figuras individuais, grandes poetas.¹¹

O aspeto central deste artigo é, no entanto, a fixação da genealogia da moderna literatura portuguesa, que funciona tanto para a geração da *Águia* como para a geração modernista, porque o jovem Pessoa, escolarizado em inglês dentro do sistema britânico, está aqui a desvendar as suas leituras e os seus mestres portugueses. No lugar de precursor, coloca Pessoa a mítica figura de Antero de Quental, e, nos lugares seguintes, as obras com as quais a poesia portuguesa começara a adquirir «o seu *tom* especial e distintivo»: «o *Só* de António Nobre», «aquela parte da obra de Eugénio de Castro que toma aspetos quinhentistas» e «*Os Simples* de Guerra Junqueiro»¹². Destaca mesmo a existência de duas épocas dentro do movimento, tendo a primeira sido concluída com *Oração à Luz*, de Junqueiro, e *Vida*

10 *Ibidem*, p. 17.

11 *Ibidem*, p. 27.

12 Cf. *ibidem*.

Etérea, de Teixeira de Pascoaes, em que Pessoa vislumbra já o início do «segundo estádio, onde se vê a corrente, ao continuar-se, tomar um aspeto outro absolutamente»¹³.

A elevação e a originalidade das novas formas poéticas lusas e a grandeza dos seus intérpretes são comprovadas no ensaio por versos de Teixeira de Pascoaes,

A folha que tombava
Era alma que subia,

e de Jaime Cortesão:

E mal o luar os molha,
Os choupos, na noite calma,
já não têm ramos nem folha,
São apenas choupos d'Alma.

O retorno, na V parte do artigo, ao paralelismo entre as épocas máximas das grandes literaturas europeias, permite-lhe, finalmente, apontar como características fundamentais da nova poesia portuguesa a *não-popularidade*, a *anti-tradicionalidade* e a *nacionalidade*, e, consequentemente insistir na tese de que «se prepara [em Portugal] um ressurgimento assombroso, um período de criação literária e social como poucos o mundo tem tido», mesmo que a situação política e social do país pareça não augurar esse futuro radioso¹⁴.

¹³ *Ibidem*, p. 23.

¹⁴ Dois anos após a instauração da República, Fernando Pessoa, que, na fase final da monarquia, chegara a projetar a edição de jornais antimonárquicos, está completamente dececionado com os principais dirigentes republicanos. Por isso escreve que «o republicanismo que fará a glória da nossa terra e por quem novos elementos civilizacionais serão criados, não é o actual, desnacionalizado, idiota e corrupto, do tri-partido republicano»

O terceiro artigo, «A nova poesia portuguesa no seu aspeto psicológico», é indubitavelmente o mais importante do conjunto. É nesse texto, assim como num outro que lhe está intimamente associado, «Uma réplica ao Sr. Dr. Adolfo Coelho», que Fernando Pessoa verdadeiramente expõe os princípios estéticos que distinguem a nova poesia portuguesa, procurando colocá-la num plano claramente superior ao das realizações literárias das correntes europeias coevas e, em particular, acima da mais prestigiada, ainda que também já próximo do final do prazo de validade, o Simbolismo francês¹⁵. O ensaísta defende então que o «arcabouço intelectual» da moderna poesia lusa se compõe de três elementos fundamentais: «vago, subtileza e complexidade»¹⁶. Tendo óbvias semelhanças com o Simbolismo, a poesia da Renascença Portuguesa superava não só a simbolista mas, quanto ao grau de complexidade, a da própria Renascença isabelina:

O simbolismo é vago e subtil; complexo, porém, não é. É-o a nossa atual poesia; é, por sinal, a poesia mais espiritualmente complexa que tem havido, excedendo, e de muito, a única outra poesia realmente complexa – a da Renascença, e, muito especialmente, do período isabelino inglês.¹⁷

A frase que se segue a esta anuncia visivelmente o Pessoa paúlco que se afirmará pouco tempo depois: «O característico principal da ideação complexa – o encontrar em tudo um além – é justamente a

(*ibidem*, p. 34). Curiosamente, a personagem política que mais elogia nestes artigos é o inglês Cromwell.

15 «Tem, de facto, de comum com o simbolismo o ser uma poesia subjetiva; mas, ao passo que o simbolismo é, não só exclusivamente subjetivo, mas incompletamente subjetivo também, a nossa poesia nova é completamente subjetiva e mais do que subjetiva» (*ibidem*, p. 45).

16 *Ibidem*, p. 42.

17 *Ibidem*, p. 45.

mais notável e original feição da nova poesia portuguesa». O sensationismo pessoano está também aqui em potência, quando, treze anos antes de Ortega y Gasset o ter explicado em *La deshumanización del arte*, o poeta português, coincidindo cronologicamente com o aparecimento público das primeiras vanguardas literárias¹⁸, demonstra compreender o fenómeno moderno da intelectualização da arte, colocando-se esteticamente a meio do caminho entre o epigonismo simbolista e a promessa da Vanguarda:

A ideação subtil *intensifica*, torna *mais nítido*; a expressão complexa *dilata*, torna *maior*. A ideação *subtil* envolve ou direta intelectualização de uma ideia, ou uma direta emocionalização de uma emoção: daí o ficarem mais nítidas, a ideia por mais ideia, a emoção por mais emoção. A idealização *complexa* supõe sempre ou uma intelectualização de uma emoção ou uma emocionalização de uma ideia: é desta heterogeneidade que a complexidade lhe vem.¹⁹

Não esqueçamos que o Sensacionismo pessoano assentaria na ideia de toda a arte de tinha por base a intelectualização e abstração das sensações:

18 Precisamente em 1912, o poeta italiano Marinetti, que publicara em 1909, no jornal parisiense *Le Figaro*, o *Manifesto Futurista*, publicava, em Milão, o seu *Manifesto técnico da literatura futurista*, que regulamentava morfossintacticamente aquele movimento pioneiro das vanguardas literárias europeias. Recorde-se que Ortega, justamente tendo em conta o processo de intelectualização da arte, sublinharia também, como o faz Pessoa nestes artigos, a dificuldade de compreensão da moderna estética pelo público burguês. «A mi juicio – escreverá Ortega y Gasset –, lo característico del arte nuevo, ‘desde el punto de vista sociológico’ es que divide al público en estas dos clases de hombres: los que lo entienden y los que no lo entienden. Esto implica que los unos poseen un órgano de comprensión negado, por tanto, a los otros, que son dos variedades distintas de la especie humana. El arte nuevo, por lo visto, no es para todo el mundo, como el romántico, sino que va desde luego dirigido a una minoría especialmente dotada» (José Ortega y Gasset, *La deshumanización del arte*, 10.^a ed., Madrid, Revista de Occidente, 1970, p. 18).

19 Fernando Pessoa, *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*, ed. cit., p. 44.

O sensacionismo afirma, primeiro, o princípio da primordialidade da sensação – que a sensação é a única realidade para nós.

Partindo de aí, o sensacionismo nota as duas espécies de sensações que podemos ter – as sensações aparentemente vindas do exterior, e as sensações aparentemente vindas do interior. E constata que há uma terceira ordem de sensações resultantes do trabalho mental – as sensações do abstrato.²⁰

Mas o aspeto concreto da poética da nova geração que Fernando Pessoa mais destaca para ilustrar a superioridade estética da Renascença Portuguesa relativamente ao Simbolismo francês é a relação dialética que, na nova poesia portuguesa, se estabelece entre a subjetividade e a objetividade (ou *plasticidade*). Na réplica a Adolfo Coelho, serve-se dos versos de Pascoaes e Cortesão que já citámos (os mesmos de «Reincidindo...») para explicar o fenómeno. Nos versos de Cortesão, vislumbrava, «flagrantíssimamente, o material concebido como espiritual – *choupos de alma*» ; nos de Pacoaes, via «*o ato material*, que é a queda de uma folha, concebida como *ato espiritual*» .

Utilizando uma estratégia discursiva que será habitual na obra pessoana, e à qual José Augusto Seabra se referiu, em vários textos, como constituindo uma *coincidentia oppositorum*²¹, Pessoa fala, então, de «materialização do espírito» e de «espiritualização da matéria»:

Vê-se que este sistema é, não o materialismo nem o espiritualismo, mas sim o panteísmo, transcendentalizado; chamemos-lhe pois o *transcendentalismo panteísta*. Há dele um exemplo único e eterno. É essa cate-dral do pensamento – a filosofia de Hegel.²²

20 Fernando Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, Lisboa, Ática, s/d., p. 190.

21 Nomeadamente em *O heterotexto pessoano*, Lisboa, Dinalivro, 1985, p. 79.

22 *Ibidem*, p. 60.

Por tudo o que ficou dito, teremos de olhar para estes três artigos pessoanos, simultaneamente, como o momento de afirmação de uma das mais relevantes personalidades literárias de toda a nossa literatura, como prenunciadores da estética modernista e como textos fundadores de um novo estádio da crítica de poesia em Portugal.

Começando pelo último aspeto, cumpre reafirmar que, como aconteceu com outros grandes poetas do século XX, Pessoa veio a ser um poeta-crítico, sem precedentes nas letras portuguesas, mas constituindo evidentemente um marco para as novas gerações, quer para aqueles que o descobriram na viragem dos anos 20 para os anos 30 (nomeadamente os presencistas), quer para os que, sucessivamente, o redescobriram nas décadas de 40, 50 ou 60.

Por outro lado, parece-nos evidente que, na descrição das formas, dos conteúdos e dos objetivos da nova poesia portuguesa, o autor claramente ultrapassa as fronteiras e as limitações estéticas da Renascença Portuguesa, apontando para aquilo que será o caderno de encargos da sua própria geração (de resto, é nesse mesmo ano de 1912 que conhece Mário de Sá-Carneiro e começa a constituir-se aquilo que virá a ser o grupo do *Orpheu*). Mas atenção: se Fernando Pessoa acabará por ser também o único poeta-crítico do grupo órfico, os principais textos críticos com que se empenhou no combate geracional, à exceção de «Movimento Sensacionista», publicado no número único da revista *Exílio*, têm características completamente distintas dos artigos da *Águia*. Assinados por Álvaro de Campos, textos como o *Ultimatum* ou «As notas para uma estética não-aristotélica» exibem, mais o primeiro que o segundo, marcas evidentes do cariz de manifesto e provocação habitual nos textos vanguardistas.

Quanto à obra pessoana, profundamente marcada pelo desiderato original de superar Camões²³, podemos considerar que toda a futura produção poética do ortónimo está aqui anunciada: o nacionalismo utópico e sebástico, o simbolismo e até o esoterismo religioso estão já presentes nestes textos de 1912. São abundantes, por exemplo, as alusões a uma *religiosidade nova*, questão central do livro que Fernando Pessoa viria a publicar apenas em 1934: *Mensagem*. E ainda que não perfeitamente codificado verbalmente, o mito do Quinto Império está igualmente indiciado:

A nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas «daquilo de que os sonhos são feitos». E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente.²⁴

Os próprios caminhos que conduziram à heteronímia estão aqui esboçados, no programa de intelectualização das emoções, que corresponde basicamente ao processo descrito por José Gil no livro clássico *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*:

A estética de Pessoa comporta uma arte poética que considera as sensações como unidades primeiras, a partir das quais o artista constrói

23 O motivo para esse repto que Pessoa a si mesmo impôs foi assim escalpelizado por Eduardo Lourenço: «O presente de Pessoa que nele oscilou, enquanto impulso imaginante entre passado mítico e futuro mitificado, exigia o assassinato ritual de Camões como suprema forma de afirmação na cena portuguesa onde a figura do autor de *Os Lusíadas* não avulta só como a de um grande poeta, ao lado de outros, mas como voz e alma de uma essência pátria inscritas, por assim dizer, no registo divino» (Eduardo Lourenço, «Pessoa e Camões», in *Poesia e Metafísica: Camões, Antero, Pessoa*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 238).

24 *Ibidem*, p. 67.

a sua linguagem expressiva. É surpreendente que esta teoria não tenha merecido maior atenção — tanto mais que, do começo ao fim da sua obra, Fernando Pessoa não para de falar, de pensar, de tomar como tema as sensações, a ponto de fundar um movimento literário, o «sensacionismo»; é que todas as questões clássicas da exegese da sua poesia (a heteronímia, a realidade, o sonho, a consciência, a vida, etc.) giram à volta da sua doutrina das sensações.²⁵

BIBLIOGRAFIA

- GIL, José, *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*, Lisboa, Relógio d'Água, s/d. Tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria.
- LOURENÇO, Eduardo, «Pessoa e Camões», in *Poesia e Metafísica: Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa, Gradiva, 2002.
- ORTEGA Y GASSET, *La deshumanización del arte*, 10.^a ed., Madrid, Revista de Occidente, 1970.
- PESSOA, Fernando, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, Lisboa, Ática, s/d.,
- PESSOA, Fernando, *Correspondência (1923-1935)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.
- PESSOA, Fernando, *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- SARAIVA, Arnaldo, *Fernando Pessoa, poeta e tradutor de poetas*, Porto, Lello Editores, 1996.
- SEABRA, José Augusto, *O heterotexto pessoano*, Lisboa, Dinalivro, 1985.
- SIMÕES, Veiga, *A nova geração. Estudo sobre as tendências atuais da literatura portuguesa*, Coimbra, França Amado, 1911.

25 José Gil, *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*, Lisboa, Relógio d'Água, s/d., p. 11

ABSTRACT

The articles published by Fernando Pessoa in the cultural journal *A Águia* should not simply be remembered for their first prophesying of a supra-Camões. They are, equally, the first serious attempt of critical interpretation of the literary modernity in Portugal.